

**História, cultura e religião: a Cidade Imperial e a região do Contestado nas apreensões de Estanislau Schaette e Hermann Schiefelbein (1926-1950)**

Michel Kobelinski<sup>1</sup>

**Resumo:** o objetivo do artigo é refletir as perspectivas culturais, artísticas e religiosas dos alemães Estanislau Schaette (1872-196?) e Hermann Schiefelbein (1885-1933), radicados no Brasil, na primeira metade do século XX. A pesquisa investiga as apreensões históricas, culturais, religiosas e iconográficas do Hinterland brasileiro, tendo como tema central a vida de colonos alemães estabelecidos no Rio de Janeiro (Petrópolis) e no Sul do Brasil (União da Vitória – PR e entorno). A partir da História Cultural das Sensibilidades e da análise de documentos textuais, fotográficos e pictóricos, questiona-se organização e a integração de imigrantes europeus à sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** História do Brasil – Século XX. História Cultural das Sensibilidades. História da Arte. Estanislau Schaette. Hermann Schiefelbein.

**History, culture and religion: the Imperial City and the *Contestado Region* in seizures of Stanislaus Schaette and Hermann Schiefelbein (1926-1950)**

**Abstract:** the paper aims to reflect the cultural, artistic and religious perspectives of Stanislaus Schaette (1872-196?) and Hermann Schiefelbein (1885-1933), established in Brazil, in the first half of the twentieth century. The research investigates the historical seizures, cultural, religious and iconographic Brazilian Hinterland, with the central theme of the life of German settlers in Rio de Janeiro (Petrópolis) and Southern Brazil (União da Vitória – PR and surroundings). Taking into account the History of Sensibilities and analysis of textual, photographic and pictorial documents, we investigated the organization and integration of European immigrants to the Brazilian society.

**Key-Words:** History of Brazil - XX century. Cultural History of Sensitivities. Art History. Estanislau Schaette. Hermann Schiefelbein.

---

<sup>1</sup> Michel Kobelinski é professor de História da UNESPAR, campus de União da Vitória, docente do Mestrado Profissional em Ensino de História, disciplina *Cidade, Patrimônio Urbano e Ensino de História*, linhas de pesquisa *Linguagens e Narrativas históricas: produção e difusão* e *Saberes históricos em diferentes espaços de memórias*, Campo Mourão, coordenador do Grupo de Pesquisa *Cultura e Sensibilidades*.

## Introdução

Durante várias décadas os estudos culturais se concentraram à exaustão na imigração e na colonização do Brasil. Apesar de parecerem rançosas, pode-se aventar que estas temáticas ainda possam render algo e avançar. Neste caso, as influências históricas e culturais são imprescindíveis para refletirmos as colônias de imigrantes e, simultaneamente, a formação das cidades. Supõe-se, então, o desafio de associar as ideias de representação e sensibilidade a partir de dois casos específicos. Os sentidos de estar no lugar de, agir no lugar de, encenar, em termos sociais e mentais, o outro e a si mesmo, podem ser valiosos para entendermos a reafirmação da cultura e da religiosidade entre comunidades de imigrantes e brasileiros na primeira metade do século XX. Igualmente importante é a ideia de sentir e ter sentimentos em suas mais variadas nuances, indissociada, tanto dos aspectos cognitivo e emotivo quanto do desejo de superar o anacronismo psicológico e penetrar no segredo do comportamento dos indivíduos.<sup>2</sup> É possível que esta conexão conceitual e o estudo temático lancem luzes sobre as formas de sentir e representar as relações culturais, educativas e religiosas entre grupos de imigrantes de diferentes nacionalidades em suas adaptações no Brasil.

As abordagens historiográficas, em geral, preocuparam-se com os processos de imigração e colonização, além das correspondências culturais e idiomáticas. Nas décadas de 1980 e 1990, as reflexões em torno dos trezentos anos de imigração alemã às Américas e a formação da União Europeia suscitaram novas abordagens. De modo que, tanto no Brasil, quanto na Europa, destacaram-se no âmbito da história cultural, investigações sobre as adaptações transculturais e transnacionais, respectivamente.

Pareceu-nos interessante examinar as relações Culturais, históricas e memoriais durante a integração (mestiçagem cultural) de imigrantes à sociedade brasileira em Estanislau Schaette e Hermann Schiefelbein.<sup>3</sup> Suas respectivas interpretações e representações servem como ponto de partida para refletirmos a sociedade e o Hinterland brasileiro na primeira metade do século XX. Que aproximações culturais ou influências podem ser identificadas em

---

<sup>2</sup> Ver CORBIN, Alain, DÉLOYE, Yves, HAEGEL, Florence. De l'histoire des représentations à l'histoire sans nom. Entretien avec Alain Corbin. In: **Politix**, vol. 6, n°21, Premier trimestre 1993. pp. 7-14: p. 10; POIRRIER, Philippe. L'histoire culturelle en France. **Une histoire sociale des représentations**. L'Histoire culturelle: un tournant mondial dans l'historiographie? EUD, 2008, pp.27-39: p.33.

<sup>3</sup> Segundo Gruzinski (1999), os conceitos de mestiçagem ou hibridação envolvem misturas culturais, linguísticas e étnicas, ocorridas nas Américas, desde o século XVI, ou ainda, aquelas que ocorreram numa mesma civilização ou determinado conjunto histórico.

suas respectivas expressões racionais e sensíveis? Longe de respostas definitivas, a intenção do texto é examinar estas interpretações da realidade brasileira, no período considerado, a partir da reafirmação da religiosidade, da identidade e da organização da vida de brasileiros e imigrantes europeus, em Petrópolis (RJ) e na região do Contestado – Norte de Santa Catarina e Sul do Paraná.

*Frei Estanislau Schaette: história, cultura e religiosidade na região do Contestado e na Cidade Imperial*

As antigas homenagens, os nomes de praças e ruas não são suficientes para identificarmos completamente as ações do frei Estanislau Schaette no Brasil (Figura 1). Ele nasceu em Wupertal, Alemanha, em 1872. Franciscano e historiador. Estas são as qualificações que o jornalista alemão Ernesto Federer usou para defini-lo.<sup>4</sup> Sua coluna no *Jornal do Brasil* informa sobre a graduação de Schaette em Pedagogia. Situação com a qual obteve a permissão para ensinar em uma escola estadual (1895). O ingresso na Ordem Franciscana (1896) culminou com sua integração na missão designada pelo episcopado para vir ao Brasil (1897). Sua missão? Encaminhar imigrantes alemães em colônias estabelecidas no Rio de Janeiro (Petrópolis) e, depois no Sul do Brasil (Blumenau – SC e União da Vitória – PR). Tratava-se da necessidade de “[...] reviver duas províncias franciscanas no Brasil, condenadas ao desaparecimento por falta de religiosos que as leis do império haviam reduzido a dois valetudinários com o fechamento proibitivo dos noviciados” (FEDERER, 1952, p. 6). Em 1902, Schaette se ordenou sacerdote, atuando no “primário” e ensinando os filhos de colonos alemães em Petrópolis (RJ); mais tarde, tornou-se Diretor da Escola Gratuita São José.

Suas atividades sacerdotais e científicas foram resumidas pela Revista do Instituto Histórico e



Figura 1. Recorte de jornal - Frei Estanislau Schaette. Arquivo Histórico do Museu Imperial - RJ. Iconografia: CF-diversos-114, s.d.

<sup>4</sup> Ernesto Federer teve uma carreira promissora: atuou no *Berliner Tageblatt* (Diário Berlinense) entre 1919-1931; foi membro do Tribunal de Honra Internacional dos Jornalistas em Haia (1931). Porém, em decorrência da ascensão do nazismo e, por ser judeu, refugiou-se na França (1933) e, depois, no Brasil (1941), atuando como jornalista, tradutor e escritor. Retornou à Alemanha, em 1957 (**JORNAL OPÇÃO**, 27 de abril de 2011, s.p.).

Geográfico de Petrópolis (IHGP, 1988, p. 119): “dedicou-se à evangelização e a pesquisa histórica, tendo realizado muitos trabalhos nesta área”. A pesquisa Histórica parece colocá-lo numa posição de conforto e numa pretensa imparcialidade. Porém, quando olhamos suas obras de perto podemos encontrar indícios de uma crítica contundente. Além da atividade de professor, contribuiu para a organização material da Escola São José, planejou programas letivos e produziu manuais escolares. No ano de 1908, dirigiu-se ao Sul do Brasil (Curitiba e Blumenau), tempo em que, também realizou excursões histórico-geográficas, “[...] pendores os quais, ao lado dos deveres de sacerdote, ficaria fiel durante a vida inteira” (FEDERER, 1952, p. 6). Isto é significativo, pois a cultura alemã era a referência emuladora nos contatos interétnicos.

Schaette regressou à Cidade Imperial em 1936. Logo após sua chegada foi nomeado professor de Teologia Pastoral do Seminário da Ordem Franciscana. Pelo fato de desenvolver estudos históricos, concomitantes às atividades pastorais na Baixada Fluminense, tornou-se membro do Instituto Histórico e Geográfico de Petrópolis (IHGP). Suas bodas de aniversário foram noticiadas em jornal, o que significa que era reconhecido. Suas habilidades de violinista e organista, as funções administrativas exercidas, tais como a iniciativa de ter criado em Blumenau – SC, “uma Escola Normal para Professoras Católicas”, a administração do Colégio Santa Catarina, o apoio à paróquia de Santo Antônio do Alto da Serra foram enaltecidas. O ápice das ações a ele creditadas enfatiza sua habilidade na formação dos alunos.<sup>5</sup> Sem dúvida, ele valorizou o conhecimento histórico. Tanto é que organizou coleções, fotografias, documentação de famílias de colonos, peças de metal e, farto material sobre a história daquela cidade.<sup>6</sup> Além de proferir palestras no Museu Imperial, contribuiu com donativos àquele estabelecimento.<sup>7</sup> Com sua personalidade, ultrapassou as esferas missionária e educativa. Eleito sócio honorário da Academia Petropolitana de Letras, colocou-se ao lado de personalidades importantes, como por exemplo, Monsenhor Henrique de Magalhães, Vilheno de Moraes, Gustavo Barroso e Jonathas Serrano.

Encontramos frei Estanislau Schaette entre os Estados do Paraná e Santa Catarina, em dezembro de 1926. Sabe-se, através da autobiografia do padre Adolfo Quirino Schmitz, que atuou no Seminário de Rio Negro (PR), época em que se valorizava, pelo sistema de revezamento semanal, a leitura, a escrita e a comunicação, em português e alemão. Este trânsito sugere contatos com o espaço missionário franciscano, com a casa paroquial Santa

---

<sup>5</sup> CORREIO DA MANHÃ, 17 jul., 1956, p. 20.

<sup>6</sup> ANUÁRIO DO MUSEU IMPERIAL: 1970, p. 176; 1958, p.132.

<sup>7</sup> ANUÁRIO DO MUSEU IMPERIAL, 1942, p. 285, 289.

Rosa de Lima e a Escola de Estrangeiros, ambas em Porto União (SC) e, possivelmente com Hermann Schiefelbein (Porto Vitória - PR).

Ele atuou na instalação e na propaganda da colônia Santa Bárbara (atual Bituruna – PR), organizada pela *Empresa Colonizadora Santa Bárbara Ltda.*, que adquiriu terras da empresa Hauer, Beltrão & Cia.<sup>8</sup> Nesta época, Schaette era membro do Colégio Santo Antônio, em Blumenau. O *Álbum Phthographico e Descriptivo da Colônia Santa Bárbara* (APDCSB) procurava dissipar o ar de desconfiança que pairava sobre a colonização. Tanto que inspetor de Terras e Colonização, A. Cordeiro, destacou a experiência de Frei Estanislau Schaette naquela colônia. Cordeiro convidava os interessados a trabalhar a terra, habitar um local com lotes definidos e ruas alinhadas, áreas de lazer, campo de futebol e clube social e, principalmente, a desfrutar de uma natureza pródiga. Os aspectos técnicos e sentimentais ligados à aventura da colonização são supervalorizados. A fertilidade do solo, a abundância de águas e as características climáticas - similares às da Europa - contribuíam para o desenvolvimento da agricultura e o bem-estar de todos. A ideia de isolamento era refutada pela vocação agrícola dos imigrantes italianos, pela ampliação de estradas e do transporte.

A narrativa de Estanislau Schaette reafirmava parte deste discurso.<sup>9</sup> No trajeto fluvial entre União da Vitória e Porto Vitória ele comparou a paisagem do rio Iguaçu à paisagem da baía do Rio de Janeiro. Da sobreposição imaginária surgiu a metáfora do “Gigante que Dorme”. A paisagem fluvial do Rio Iguaçu se assemelhava à paisagem guanabarina. O potencial era enorme. Matas inexploradas, riqueza das águas e fertilidade das terras. São lugares de memória, de trânsito, de vínculos afetivos e teológicos que favorecem o pensar sobre os ideais de civilização e barbárie: “[...] assim, dentro de pouco tempo, os primeiros moradores que abriram picadas na mata virgem, terão à sua disposição excelentes estradas de rodagem incorporando desta forma suas primitivas residências à civilização” (SCHAETTE, 1927, p. 1). A exaltação tem sentido. A satisfação e a felicidade em auxiliar os colonos estrangeiros. Estes valores conjugados levariam a comunidade tanto à integração interétnica quanto à prosperidade moral, social e cultural. É por este motivo que Schaette contradiz o

<sup>8</sup> A sociedade se constituiu em 23 de dezembro de 1924, na cidade de Curitiba. Seus sócios eram Dr. Oscar Geyer (gerente), Alfredo Werminghoff (sub-gerente), João Ghilardi, José Carlos Ely, André Carbonera, Gabriel Cherubini, Luiz Torriani & Cia e o Dr. Constante G. Battochio. Seus escritórios se localizavam em União da Vitória e em Porto Vitória (filial).

<sup>9</sup> A Associação Pró-Memória da Imigração Germânica (AMIG), que tem como objetivo a “preservação da memória histórica, social e cultural dos povos de origem germânica”, através da lei Rounet, digitalizou o jornal Germânico "Der Kompass" (17 mil páginas), de 1902 a 1938. As referências SCHAETTE, Estanislau. Der neue Kolonie Sta. Barbara. **Der Kompass**. Curitiba, p.1, 14 jan. 1927; SCHAETTE, Estanislau. Der neue Kolonie Sta. Barbara. **Der Kompass**. Curitiba, p.1, 14 jan. 1927, partes I e II.

discurso de Cordeiro ao afirmar que a construção da *Estrada Geral* romperia com o isolamento dos colonos e colocaria fim à barbárie. Na época, abriam-se caminhos alternativos ao itinerário, Colônia Santa Bárbara - Porto Vitória (transporte rodoviário) e, Porto Vitória - União da Vitória (transporte fluvial).

As influências culturais, religiosas e linguísticas se expressam nas seguintes palavras: “a propaganda das boas terras da Colônia Santa Bárbara também deveria ser feita entre os filhos de colonos alemães. Estas terras, vantajosamente situadas, permitiriam fazer uma colonização separada, tanto em relação à religião, quanto em relação à língua dos colonos” (SCHAETTE, 1927, p. 1). A percepção de Schaette é cristalina. O alemão era o tipo ideal para a colonização do Brasil. Empreendedor e alegre, ele estaria disposto a “conhecer gentes e terras”. A colônia de Santa Bárbara, por sua vez, era bem localizada. Tinha terras férteis, poucos mosquitos, o clima era agradável. Não tinha os inconvenientes das inundações do rio Iguaçu. Para isto, expedições científicas levariam a bom termo tal empreendimento. Seja com imigrantes alemães, seja com seus descendentes. Contudo, eles deveriam se adequar ao novo ambiente e usar novas técnicas agrícolas. Em síntese, para condições naturais excepcionais, somente uma colonização extraordinária. Eis aí o gigante a ser despertado.

O *Álbum Phtographico e Descritivo da Colônia Santa Bárbara* está repleto de fotografias.<sup>10</sup> Elas reforçam os interesses da empresa colonizadora e se enquadram nas seguintes categorias: empresa colonizadora (5 fotos), *natureza* (5 fotos), *agricultura* (3 fotos), *transportes e trabalhadores* (14 fotos), *povoamento* (16 fotos), uma (1) planta do assentamento de Santa Bárbara, moinho (1), serraria (2) e religiosidade (6). Mas a peça de propaganda dispõe de ideias contraditórias. Uma, pela profusão de imagens, defende a modernidade e a colonização italiana. A outra ressalta, não pela quantidade, mas pela densidade das imagens, um ideal civilizador expresso na mediação cultural e religiosa, embora também fosse desejável a colonização tipicamente alemã. Não é descabido ver nisto a ênfase modelar do espaço vital da Alemanha do século XIX – *Lebensraum* –.<sup>11</sup> De qualquer modo, o documento de fundação da Colônia Santa Bárbara é um referencial discursivo-imagético poderoso que agrega proposições distintas (Figuras 2 e 3).

<sup>10</sup> Ver também KOBELINSKI, M. KRUL, Giovana G. da Maia. A percepção da natureza na colônia Santa Bárbara PR (1927). In: KOBELINSKI, M., LENCHISCKI, L. **Reflexões sobre História** (Orgs.). Teresópolis: Tereart, 2013, p. 19-38: p 26 et. seq..

<sup>11</sup> Sobre a teoria determinismo geográfico alemão e sua crítica ver: RATZEL, Friedrich. O solo, a sociedade e o estado. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo: USP, v. 2, 1983, p. 93-101; José William Vesentini, Controvérsias geográficas: epistemologia e política. **Confins**, 2, 17 fev, 2008, s.p. Disponível em <http://confins.revues.org/1162> ; DOI : 10.4000/confins.1162

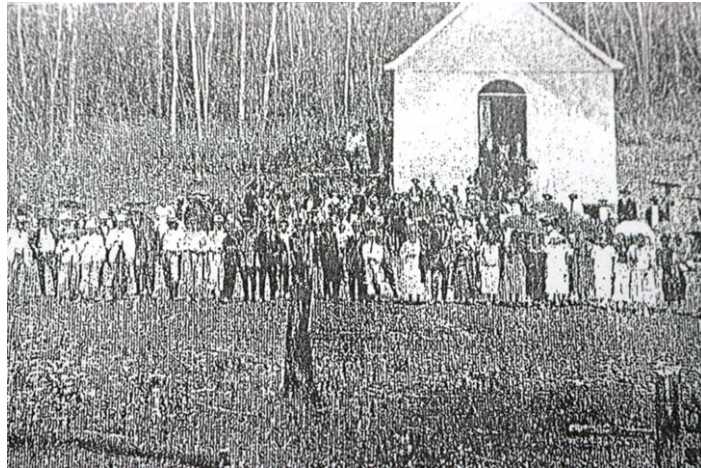


Figura 2. Primeira Missa realizada na Colônia Santa Bárbara pelo frei Estanislau Schaette. Fonte: APDCSB, 1927, p. 38.



Figura 3. Visita de frei Schaette aos colonos italianos. Santa Bárbara. Fonte: APDCSB, 1927, p. 43.

Na narrativa histórico-religiosa não há espaço para os conflitos sociais e bélicos ocorridos na região do Contestado. Reafirma-se o sentimento de fraternidade entre os povos, o sentimento de pertencimento à cultura alemã e o encaminhamento à civilização. Portanto, impera um silêncio sepulcral, resultado de injunções sociais e institucionais. Estas, refletem as rupturas relacionadas às ações pastoral e doutrinal. O desdobramento das revoluções ao longo do século XIX, o avanço do socialismo e do cientificismo, no século XX, formaram um clima anticlerical. A reação católica veio como o Juramento contra o modernismo. Historicamente ele era visto como a síntese de heresias. Em termos práticos, significava a prevenção e a repreensão às infiltrações na organização da igreja católica. Daí a vigilância aos padres, os afastamentos, a seleção precisa e segura dos ordenados, a censura e, relatórios frequentes,

enviados à Roma. A reafirmação da presença franciscana no Brasil, neste período, decorreu deste processo. Lutava-se contra as ideias, comportamentos ou expressões associadas ao modernismo ou que consideravam as missões franciscanas alemãs como a manifestação do atraso e da ignorância, a exemplo da maçonaria e de parte da imprensa.<sup>12</sup>

Os franciscanos da Bahia recorreram ao Convento de Santa Cruz, na Saxônia. E é por este motivo que os missionários que iam à África e à China foram reencaminhados ao Brasil. Assim, vários motivos explicam a presença de missões franciscanas alemãs no Sul do Brasil na viragem entre os séculos XIX e XX. Áreas de risco a imigrantes, como as de campos e florestas, transformados em ambientes de conflitos por colonizadores e indígenas (Palmas – PR e Canoinhas - SC). Região de conflitos armados como a guerra do Contestado (1912-1916). A presença de líderes messiânicos (João Maria). Revoltas entre sertanejos, caboclos e madeireiros. Áreas de concessão governamental a companhias estrangeiras, como por exemplo, Southern Brazil Lumber & Colonization.<sup>13</sup> O tratado de limites entre os Estados do Paraná e Santa Catarina, que resultou na construção da Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus e na divisão das paróquias franciscanas alemãs neste espaço missionário, isto é, Porto União (SC) e União da Vitória (PR).<sup>14</sup>

Mas o silêncio não foi pleno. O relato do frei Cletus Espey sobre os conflitos sociais durante a Guerra do Contestado foi contundente: “[...] o local sofreu ainda mais devido à revolta de fanáticos, que incineraram tantas propriedades florescentes, de modo que foram executados colonos de forma cruel” (BISPO apud SPEY, 1926, p. 99).<sup>15</sup> Vê-se que a motivação também era pontual. O messianismo era contra a República. De modo que, os

<sup>12</sup> Sobre a encíclica *Pascendi Dominici Gregis*, do Papa Pio X, provavelmente redigido pelos padres José Lemius e Billot, ver MARTINA, Giacomo. **História da igreja**: de Lutero a nossos dias. A era contemporânea. São Paulo: Loyola, 1997.

<sup>13</sup> Ver Bispo, Antonio Alexandre (Ed.). União da Vitória (PR)/Porto União (SC). Ultrapassando fronteiras em diferentes acepções: o vau do Iguaçu. Católicos poloneses e ucranianos sob assistência de Franciscanos alemães e a exemplaridade de Santa Rosa de Lima (1586-1617). **Revista Brasil-Europa**: Correspondência Euro-Brasileira 151/9 (2014:5); SANTOS, Eucléia Gonçalves. "**Em cima da mula, debaixo de Deus, na frente do inferno**": os missionários franciscanos no Sudoeste do Paraná (1903-1936) Dissertação de Mestrado em História, 158 p. Curitiba: UFPR, 2005. Santos (2005, p. 4-5) enfatiza que o referido espaço missionário correspondia às “[...] cidades de Lages, Curitiba, Canoinhas, Porto União, Campos Novos, Chapecó, Xaxim, Abelardo Luz, Barracão, no estado de Santa Catarina e Palmas, Pato Branco, Francisco Beltrão, Chopinzinho, Mangueirinha, União da Vitória, no Paraná”.

<sup>14</sup> Conf. BISPO, 2014, op. cit., s. p., o primeiro administrador foi frei Rogério Neuhaus, que desde 1911, coordenava a casa Santa Rosa de Lima, projeto de franciscanos provenientes de São Francisco do Sul (SC), que almejavam construir um colégio em Rio Negro (PR). *Santa Rosa de Lima* era uma referência à situação moral e religiosa vivida pelos habitantes de Lima, no Peru. Sobre este assunto, ver também os conflitos entre as práticas cristãs, cultos ancestrais aos povos incas e o imaginário religioso. Tudo isto ampliado pelo terremoto de 1746, considerado um castigo divino às perversões daquela sociedade: WALKER, Charles F. **Shaky Colonialism: The 1746 Earthquake-Tsunami in Lima Peru and its Long Aftermath**. Duke University Press, 2008.

<sup>15</sup> Ver ESPEY, Cletus. **Festschrift zum Silberjubiläum im Süden Brasiliens 1901-1926**, Werl i. West.: Franziskus, 1929.



sertanejos se sentiam explorados por fazendeiros, empresas estrangeiras, pelo Estado e pelos imigrantes que recebiam concessões de terras. Não há como negar a presença do sentimento nostálgico do retorno à Monarquia. Especialmente quando o imaginário religioso, de orientação italiana, manifestava-se intensamente. Ao contrário, para os franciscanos alemães, a República significava a reafirmação da vida religiosa, situação oposta à do Império, que representava a secularização e a ilustração. Daí a ação missionária se centrar na assistência às colônias estrangeiras (como a polonesa, ucraniana e russa) e na definição do Brasil como a terra de atuação:

O texto do P. Cletus Espey torna evidente a posição assumida pelos Franciscanos alemães: eles não se colocam do lado desses simples habitantes das matas que se revoltavam em se verem ameaçados com a tomada de terras e derrubada de florestas, mas do lado daqueles que foram por estes atacados, empenhando-se, porém, na reaproximação destes à vida eclesial, acostumando-os à frequência às missas, a outros atos sacramentais e à moralização de costumes (BISPO; 2014, s. p.).

Um exemplo da presença alemã na região do Contestado foi a fundação do Colégio Teuto-Brasileiro pela Comunidade Luterana do Brasil, em Porto União (SC), no ano de 1887. Ela procurava atender os interesses individuais e coletivos de acesso à escolarização e à expressão religiosa. Visava-se a adaptação à sociedade brasileira através de uma segunda língua, isto é, o português. Porém, a reforma escolar de 1938 (Lei nº 7614) instituiu o português como idioma oficial para a escolarização. Deste modo, aquele educandário passou a se chamar Colégio Iguaçu e os “[...] membros da diretoria, composta por alemães natos, foram substituídos e professores, afastados, uma vez que se tratava de segurança nacional”.<sup>16</sup>

Em fins da década de 1940 a vertente historicista-religiosa de frei Estanislau Schaette se mostrou mais consistente. O artigo “Fazendeiros e fazendas de Serra Acima” aparecia num dos volumes comemorativos do Museu Imperial. Descobrimos a fundação da cidade de Petrópolis (século XVI) a partir de documentos como o Livro de Sesmarias, Cartas Régias, Livro de Óbitos, Testamentos e Livros Eclesiásticos da paróquia de Nossa Senhora de

---

<sup>16</sup> Ver IHLENFELD, Renate. **A presença da cultura alemã sobre o pensamento pedagógico do colégio Teuto-Brasileiro de Porto União/SC e sua influência sobre o imaginário dos alunos (1930-1938)**. (Monografia de Pós-Graduação em Metodologia da Ação Docente). União da Vitória: Centro Universitário de União da Vitória – UNIUV, 2011, p.8. A autora destaca a valorização da língua alemã e a consciência cívica (arbeitschule), evidenciando o sentimento de pertencimento cultural e étnico. Supostamente estes valores se sobrepuseram à religiosidade, embora não se explique claramente os motivos, a partir dos depoimentos coletados, de documentos pessoais e das atas da Associação Escolar (1919-1935). Além do associativismo, que deu origem ao educandário, destacou-se o ensino voltado às tradições (música, poesias, canto, corais, concertos, dança, teatro e teatro de fantoches), à disciplina (ginástica), à hierarquização e ao desenvolvimento da personalidade dos alunos, com avaliações frequentes, tais como comportamento (Betragen), aplicação (Fleisz), atenção (Aufmerksamkeit), ordem (ordnung), regularidade (Schulbesuch) e progresso (Bemerkungen).

Inhomerim (Baixada Fluminense). O argumento de Schaette era o de que o novo caminho de Inhomirim às Minas Gerais, traçado pelo Coronel Bernardo Soares de Proença, em substituição ao do Guarda-Mor Garcia Rodrigues Pais, originava a cidade e possibilitava o avanço da “vida civilizada” na imensidão florestal.<sup>17</sup> Igualmente, a zona urbana iniciada em 1721, na Serra da Estrela em “mata virgem e terra devoluta” era uma herança histórica que as gerações petropolitanas deveriam agradecer. Agradecer e rememorar, eis a seu ver, a ação correta. Não só porque seu fundador gastou seus bens e comprometeu a saúde. Mas também pelos aspectos funcionais. O caminho era melhor e encurtava a viagem em quatro dias. A rota dava novos acessos: Porto da Estrela, Rio de Janeiro, povoado de Paraíba do Sul e Minas Gerais.

Em Schaette a história serve para reafirmar antigas alianças entre Estado e Igreja. Os heróis fundadores de Petrópolis esparramaram a civilização pelas brenhas da colônia luso-brasileira. Mas eles somente são bem sucedidos em razão da histórica presença franciscana, de uma identificação com a vida rústica, que se assemelhava a dos franciscanos, dos laços que uniam às fundações da Cidade Imperial à Cidade Celestial, da devoção religiosa e do encaminhamento dos filhos dos primeiros colonizadores à vida religiosa. Há nisso tudo o argumento em favor do sentimento de piedade. Sentimento este que, por assim dizer, envolvia atos de solidariedade ao sofrimento e à dor dos pioneiros em concentrar seus esforços num empreendimento trabalhoso. Sua materialização, somada à manutenção da tradição e à construção de capelas almejava a piedade, o perdão divino e a vinculação com o império brasileiro:

O Rio Seco, o Córrego Seco, o Rancho da Farinha, mais tarde abençoado pelo eminente franciscano São Pedro d’Alcântara, protegido e favorecido pelo amor e cuidado do Imperador Magnânimo, foi residência dos soberanos e, atualmente, é sede de nova diocese, funcionando sob as mãos bondosas de N. Sra. Do Amor Divino, e é conhecido em todo o mundo civilizado que estima a Rainha da Serra, PETRÓPOLIS” (SCHAETTE, 1948, p. 90).

A valorização da presença alemã na formação do Império Brasileiro era uma resposta indireta à política de nacionalização das escolas de imigrantes do Governo Vargas. Ao mesmo tempo era uma forma de destacar esta influência na formação da identidade brasileira. As ideias ficam claras quando lemos a manchete do Jornal do Brasil sobre Estanislau Schaette, em 1940. Ela aparece junto ao discurso de posse de Osvaldo Aranha no Instituto Histórico e

---

<sup>17</sup> SCHAETTE, Estanislau. *Fazendeiros e fazendas de Serra Acima. Anuário do Museu Imperial*. Petrópolis: Ministério da Educação e Saúde, 1948, p. 79.

Geográfico Brasileiro (IHGB):

Outros povos, antes colaboradores pacíficos de nosso progresso, hoje se transformaram em fontes de perturbação e ameaças. Em nós mesmos, na lição de um passado digno e na ambição de um futuro melhor, devemos procurar e encontrar elementos de proteção e construção atual. O trabalho e o estudo, o labor da terra e o exame de nós mesmos, dar-nos-ão a consciência plena de nossos destinos, permitindo-nos, em meio da subversão de outras nações, criar, organizar, nacionalizar, enfim, abrigar o Brasil (JORNAL DO BRASIL, 8 ago. 1940, p. 9).

A ênfase do então Ministro das Relações Exteriores do Governo do Presidente Getúlio Vargas recaía sobre o “abrasileiramento” do Brasil. Posição política que passava tanto pela refutação dos valores germânicos, quanto pela consolidação da política externa do Estado Novo e, conseqüentemente, pela aproximação com os Estados Unidos.<sup>18</sup>

As ideias de frei Estanislau Schaette ficam evidentes quando seu artigo se funde às primeiras iconografias urbanas da Cidade Imperial.<sup>19</sup> O que poderia ser mais significativo do que uma alusão iconográfica à constituição da casa imperial (Princesa “Maria Leopoldina” e Imperador Pedro I) e a Johann Baptist Von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius (Figura 4)? Os naturalistas bavieros faziam parte da comitiva científica da grã-duquesa e tinham a incumbência de formar coleções botânicas, zoológicas e mineralógicas, a fim de consolidar o Império e, mais tarde, sua historiografia. Aliás, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) lançou o prêmio para a melhor escrita da História do Brasil (1845). O vencedor foi von Martius com a monografia “Como se deve escrever a história do Brasil”, a qual definia a identidade brasileira e lançava o mito da democracia racial.<sup>20</sup>

A segunda iconografia urbana não possui referência autoral. Parte da legenda pode ser considerada desprezível: “*A fazenda Côrrego Sêco. Arquivo do Museu Imperial [...]*”. No entanto, ela pode indicar autoafirmação e filiação científica. Em outros termos, uma fundamentação necessária para seus escritos (Figura 5). A última iconografia urbana utilizada foi a do paisagista e aquarelista alemão Friedrich Hagedorn, radicado no rio de Janeiro, por

<sup>18</sup> Ver CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O anti-semitismo na era Vargas**: fantasmas de uma geração 1930-1945. São Paulo, Brasiliense, 1988. Nesta perspectiva, o avanço antiliberal e a imposição do Estado Novo também influenciaram nas ideias racistas e antisemitas. Além de estas ideias serem defendidas por Gustavo Barroso, via-se nos judeus, um ataque à religião e à economia, de modo que estes eram considerados os culpados pelos males do mundo.

<sup>19</sup> Iconografia urbana, cf. SETA apud Martinez, 2014, p. 162, é o “[...] conjunto de imagens da cidade que nos informam sobre sua arquitetura, sobre a urbanização e sua gestão, ao mesmo tempo, apresentam-se como uma janela para estudar o mundo das ideias e sua relação com a ciência, a arte e a percepção visual. Portanto, engloba desde a cartografia até as vistas e perfis que oferecem uma imagem global da urbe ou de alguma de suas partes”.

<sup>20</sup> REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil**: de Varnhagen a FHC. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

volta de 1850.<sup>21</sup> É intrigante a forma como Schaete se valeu da legenda para formar uma mensagem subliminar. A legenda, inserida junto com a representação artística da Fazenda do padre Correia, em Correias, Petrópolis, não estabelece apenas uma ligação ancestral com a família portuguesa Goulão Correia, sertanistas estes que ocuparam o vale do rio Piabanha e lutaram contra os índios Coroados. Ela ilustra, sob o olhar da representação alemã, o que o expectador pode recordar através da História. A beleza cênica da paisagem e a tragédia dos revoltosos no Brasil (Figura 6). O exemplo recente era o da Guerra do Contestado. Eis, na íntegra, a expertise usada na legenda: “Tela a óleo de Hagedorn representando a Fazenda do Padre Correia, em Correias, Petrópolis, vendo-se a histórica figueira sob a qual dormiu Tiradentes em sua derradeira viagem de Minas para o Rio” (SCHAETTE, 1948, s.p.).

A Cidade Imperial foi sensorialmente apreendida por Schaette como obra de arte, história e cultura. Em relação aos artistas e suas representações, as três composições selecionadas fornecem aos expectadores, mostras da germinação urbana europeia. Elas evidenciam, em momentos distintos, a cidade em segundo plano. Ela domina a paisagem colonial com seu casario, ruas e edifícios suntuosos. Estes últimos se quiparam às montanhas. A sede da fazenda se sobressai harmoniosamente em meio à rusticidade e ao sentimento de sublime na natureza. Nestas composições, os motivos alusivos, em primeiro plano, destacam a vida nos sertões, os costumes e o trânsito de pessoas pelos caminhos, a natureza como lugar de passagem, vivência e referência histórica. São conteúdos, interpretações e fruições deliberadas.



Figura 4. Córrego Seco (1823-1831). Litogr. Franz Xaver Nachtmann, esboço Karl Friedrich Philip von Martius. Fonte: BNDigital do Brasil.

<sup>21</sup> STICKEL, Erico J. Siriuba. **Uma pequena biblioteca particular**: subsídios para o estudo da iconografia no Brasil. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004. Hagedorn percorreu o Rio de Janeiro, Salvador e Recife, retornando à Alemanha em 1870. Artista pouco conhecido e, algumas vezes, considerado amador. De acordo com Stickel apud Gilberto Ferrez, suas obras têm grande valor artístico e iconográfico. Suas A Biblioteca Nacional possui 26 obras produzidas com a técnica de têmpera, que retratam as paisagens do Rio de Janeiro, Petrópolis e ilha de Paquetá. No entanto elas ainda não foram publicadas.



Figura 5. Fazenda Córrego Seco. Fonte: Museu Imperial, s.d.



Figura 6. Vista da fazenda de Correias, século XIX, de Friedrich Hagedorn. Fonte: Museu Imperial.

A preservação da cultura alemã no Brasil foi expressiva: letras, arquitetura, artes plásticas, entre tantas outras. Tudo isto fica ainda mais surpreendente ao adentrarmos a escrita autorreferente. Assim, é provável que a amizade entre os confrades do Instituto Histórico e Geográfico de Petrópolis, Estanislau Schaette e Gilberto Ferrez (1908-2000) tenha começado em fins da década de quarenta, por ocasião da publicação do “Anuário do Museu Imperial de Petrópolis” (1948):

Frei Estanislau tem Gilberto Ferrez em alta conta e não esconde a admiração em suas missivas. São Francisco é geralmente evocado com a saudação franciscana *Pax et Bonum*, desejando sempre saúde a Ferrez e sua família. Avaliamos a consideração concedida por Frei Estanislau a Ferrez quando lemos em carta de 1957 a seguinte saudação: *Meu caríssimo e nunca bastante admirado, Sr. Gilberto Ferrez, historiador a 3ª potência, homem para conseguir o seu fim e generoso para que também outros, como esse velhinho franciscano, possam com verdadeira alegria, ler e reler as novidades históricas, apresentadas pelo feliz pesquisador da atualidade.*<sup>22</sup>

E, de fato, ambos nutriam paixão pela história e pela fotografia. Mas algo transbordou esta publicação e implicou numa forma de negociação identitária.<sup>23</sup> Ferrez mergulhava na História e estabelecia comparações entre as cidades do Rio de Janeiro e Petrópolis (séculos XIX e XX).<sup>24</sup> Para ele era possível estabelecer relações harmoniosas entre o homem e a natureza. Ora destacava a viagem pelas paisagens litorânea e de planalto. Ora as coisas boas e as instituições que o Brasil devia a Petrópolis. Descrevia ainda o sistema de transportes e rodagens, a infraestrutura escolar, administrativa, hoteleira, as inúmeras atividades urbanas, bem como o trânsito de viajantes desde o século XIX. Além disso, é claro, a fruição de Dom Pedro II e sua corte, que buscavam em Petrópolis, saúde e repouso durante as férias de verão.

As séries de 48 fotografias de Petrópolis, que se seguem ao texto, trazem pistas sobre esse transbordamento. Não se tratava apenas de valorizar as instituições religiosas ou mesmo a presença de uma civilização universal. Não era o caso de ressaltar somente a contribuição de imigrantes de várias nacionalidades. O que havia de fato era a identificação da transposição cênico-paisagística da Renânia-Palatinado e dos Estados da Renânia do Norte-Vestefália para Petrópolis, cuja relação aristocrática também podia ser percebida através de palacetes, jardins floridos e “parques delineados por Binot”. Sobre isto, dizia Ferrer (1948, p. 33): “[...] os

<sup>22</sup> LENZI, Maria Isabel. **“Para aprendermos história sem nos fatigar”**: a tradução do antiquariado e a historiografia de Gilberto Ferrez. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2013. É importante lembrar que Ferrez foi reconhecido historiador, pesquisador, colecionador e comerciante, filho do cineasta Júlio Ferrez (1881-1946), neto de Marc Ferrez (1843-1923), fotógrafo oitocentista e bisneto de Zéphyrin Ferrez (1797-1851), célebre numismata do Brasil. Gilberto foi conselheiro do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e responsável pela preservação do patrimônio cultural no Rio de Janeiro, tais como o Paço Imperial e o Pão de Açúcar. Sua contribuição se destaca pela inovação, especialmente ao considerar como fontes históricas a iconografia e a fotografia. Kosoy (2007) identificou em Hercule Florence, durante sua passagem pelo Brasil, quando se integrava à expedição de Georg Heinrich von Langsdorff, a descoberta, de forma independente, de um “método de impressão pela luz”, lançando a fotografia no Brasil. Gilberto Ferrez só admitiu a descoberta de Florence na terceira edição de seu livro “A fotografia no Brasil (1840-1900)”, em 1985. Ver KOSOY, Boris. **Hercule Florence**: a descoberta isolada da fotografia no Brasil. São Paulo: Edusp, 2007.

<sup>23</sup> Ver HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003. A cultura produz uma teia de significados, cujas tramas envolvem tanto as relações de poder quanto as articulações sociais.

<sup>24</sup> FERRER, Gilberto. **Um passeio a Petrópolis em companhia do fotógrafo Marc Ferrez**. Petrópolis: Ministério da Educação e Saúde, 1948, p. 29-42.

colonos alemães habitavam os vales retirados, a Mosela, O Bingen, o Ingelheim, Rhenania, Westphalia, Palatinado.” A despeito da efusão de hinos e cânticos preservados pelos colonos alemães, de artistas lapidadores de vidro, tais como Heinrich e Guilherme Sieber, de entalhador de bengalas e fabricante de molduras, espelhos e bonecos, como Carlos Spangenberg, de Karl Ernst Papfe (e seu filho Ernest), retratista e paisagista, de Colégios ou educandários, como o de Kopke (1848), que ensinava a natação e o cultivo de flores e legumes, destaca-se a adoração de Dom Pedro II pela cidade e sua preocupação com a dignidade da comunicação entre brasileiros e alemães: “[...] falava com todos: quando calhava ser um colono alemão, acontecia corrigir-lhe a pronúncia” (FERRER, 1948, p. 34).

Com toda esta bagagem cultural a subsidiar o Império do Brasil, as noções de civilidade e urbanidade partiram de um imaginário desejável. Pautado, evidentemente, na erudição germânica. Os exemplos desse encaminhamento passavam pela Academia de Belas Artes, pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), pelas missões científicas, pela literatura, entre outros. Seus propósitos eram educar a “população”. A ideia de civilização sobreviveu até as primeiras décadas do século XX. Dai em diante o termo ganhou novo significado nas narrativas dos pensadores brasileiros, tais como Capistrano de Abreu, Pedro Calmon e Gilberto Freyre. Eles explicavam o Brasil e a civilização brasileira pela mestiçagem e pela origem lusitana. A exceção era Afonso Arinos, que identificou na civilização brasileira, a hierarquização entre os grupos étnicos, cuja predominância era a dos europeus sobre os demais (LENZI, 2013, p. 213).

Na verdade, ao olharmos Estanislau Schaette de perto, entenderemos mais as relações entre os sentimentos e a razão, os vínculos afetivos entre os sujeitos e a nação. Com elas, também entenderemos a relação entre os sujeitos e os contextos históricos, sociais e culturais. Mesmo porque elas implicam em vinculações identitárias entre os intelectuais e a organização das cidades.<sup>25</sup> Neste sentido, Petrópolis reunia condições excepcionais para o enraizamento da cultura alemã. Clima propício e lugar ideal para o retiro espiritual. Estava próxima de autoridades civis e eclesiásticas, instaladas na cidade do Rio de Janeiro. Fato este que contribuía para a revitalização franciscana no Brasil.

---

<sup>25</sup> Ver REZNIK, Luís, FERNANDES, Rui Aniceto. Luiz Palmier e a conformação da São Gonçalo Moderna. In: REZNIK, Luís (Org.). **O intelectual e a cidade**: Luiz Palmier e a São Gonçalo Moderna. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003, p. 13-31.

*Hermann Schiefelbein e as representações sensíveis do Hinterland paranaense*

A notícia sobre os imigrantes alemães publicada no *Jornal do Brasil*, em 25 de julho de 1935, não pode passar despercebida. “O dia do colono no Pró-Arte”, organizado pela Associação de Confraternização dos Elementos Brasileiro e Alemão abria suas atividades ao público com uma exposição de quadros do pintor Hermann Schiefelbein (Figura 7).<sup>26</sup> O evento contava ainda com canções populares alemãs e festividades variadas. Seu encerramento ficava por conta de um curso em língua alemã: “a inauguração, marcada para o dia do colono será abrilhantadas pela palavra de um dos mestres do ensino mais bem quistos de todo Sul: Frei Estanislau Schaette, e pelas breves exposições de um filho de colono alemão, o padre Olivério Kraemmer [...]” (*JORNAL DO BRASIL*, 24 jul., 1935, p. 6).

Da mesma forma que frei Estanislau Schaette, Hermann Schiefelbein ainda é um artista pouco conhecido na região do Contestado. Palco de intensa imigração alemã e de farta contribuição artística às artes no Brasil. Em relação aos estrangeiros, pintores da paisagem paranaense, Schiefelbein “[...] é um exemplo de manifestação isolada de formação e opções singulares”.<sup>27</sup> Assim, suas obras merecem, pelo menos, uma abordagem.

Schiefelbein era natural de Schwerte, Alemanha (10/09/1885). Era pintor e decorador, pelo menos até se acidentar, em 1909.<sup>28</sup> O motivo, não se sabe ao certo. No hospital, os médicos e o Dr. Goebel perceberam seu talento para as artes plásticas e o incentivaram a continuar. Era o que faltava para expressar sua sensibilidade.

Entre 1910 e 1914, formou-se na Academia de Belas Artes de Düsseldorf, com os mestres Spatz, Kiedrich e Von Gebhardt. Dedicou-se à pintura de retratos, paisagens e animais, utilizando-se da técnica



Figura 7. Hermann Schiefelbein.  
Fonte: Panorama da arte no Paraná, p. 17.

<sup>26</sup> Ver **PANORAMA DA ARTE NO PARANÁ: I - Dos precursores à Escola Andersen**. Curitiba: BADEP, 1975, p. 18; Hermann Schiefelbein. *Objetivismo Visual (Síntese da História da Arte no PR)*. In: ARAÚJO, Adalice. **Dicionário das Artes Plásticas no Paraná**. Curitiba: Editora do Autor, 2006.

<sup>27</sup> **PINTORES DA PAISAGEM PARANAENSE**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura; Solar do Rosário, 2001, p.33,

<sup>28</sup> OLBERTZ, Ivanira Tereza Dias. Hermann Schiefelbein. In: **Entrevistando a Arte**. Curitiba: Serzgraf, 2013, p.138-142. Trata-se de um extenso mapeamento catalográfico de artistas de União da Vitória e região. A autora compulso a existência de 35 obras de Schiefelbein, especificando tamanho e coleção, além de 10 quadros do autor e 5 fotografias de Arthur Wischral.



Óleo sobre tela. Permaneceu ali até 1918, divulgando suas obras em sucessivas exposições.

Devido aos conflitos políticos, sociais e econômicos, advindos da I Guerra Mundial, estabeleceu-se com sua esposa Margarete e os filhos Adolfo, Paula, Rolf e Gunther, em União da Vitória (OLBERTZ, 2013, p. 138 et. seq.). Pretendia ser um colono e trabalhar a terra, provavelmente impellido pela disseminação de campanhas de colonização do Brasil. Este desejo se materializou apenas em suas telas. Suas obras apareceram em exposições no Clube Rhenânia, em São Paulo (1927) e na Sociedade Thalia, Curitiba (1928). Entre 1928 e 1930, retornou à Alemanha para se tratar. Ao retornar, passou a residir na colônia de Porto Vitória. Em seguida, expôs suas obras na Liga dos Artistas, em Curitiba (1931-1932). Suas obras foram mencionadas na revista *Belas Artes* (Rio, 1924, nº 24, p. 3) e no periódico *Intercâmbio*, *Revista Cultural* de Theodor Heuberger (Rio, 1935, ago. p. 150; 1941, nº10-12, p. 417).<sup>29</sup>

Schiefelbein faleceu prematuramente quando se preparava para nova exposição. Sua morte possui duas versões. Braga (1940) afirma que o local foi Curitiba e os demais autores, em Porto Vitória. Araújo (2006) menciona que uma árvore caiu sobre ele. Olbertz (2013, p. 139), que entrevistou Edgar Schiefelbein (neto de Hermann), menciona a vitimação por meningite. Ele foi enterrado no Cemitério Evangélico de Porto Vitória (26/09/1933).<sup>30</sup>

Duas obras de Hermann Schiefelbein foram reconhecidas e incorporadas aos ideais do movimento paranista: *Dança das raças* (1933) e *Carroças e Cavalos* (s.d.). Através das revistas *Ilustração Paranaense: mensário paranaense de arte e actualidades* (1927-1940) e da *Revista Paranista* (1933) era possível a alfabetização visual dos paranaenses e, ao mesmo tempo, atuar no imaginário popular, uma vez que saía de exposições restritas e atingia um público mais amplo.

O Paranismo oscilava entre a modernidade e o conservadorismo. Abrangia a política, a música, a pintura, a literatura, a arquitetura e a historiografia. A carência de representação política no cenário nacional e a ideia de “ausência” de tradições regionais culminaram com a construção simbólica da identidade paranaense. Fundamentava-se nos ideais da “antiga democracia-cristã”, do positivismo e do historicismo. Valorizando, sobretudo, a terra, o homem e o progresso. Portanto, eram comuns as divergências entre as elites (locais e regionais) e os imigrantes estrangeiros, que incentivados a colonizar, não tinham a cidadania reconhecida. Nesta perspectiva, a integração social pela via do trabalho e da atuação da igreja

<sup>29</sup> BRAGA, Theodoro. **Artistas e pintores no Brasil**. São Paulo: São Paulo Editora Ltda., 1942, p. 213.

<sup>30</sup> PINTORES DA PAISAGEM PARANAENSE, 2001, p. 33, op. cit.; ARAÚJO, 2006, s. p., op. cit.

católica conduzia o progresso no estado do Paraná.<sup>31</sup>

A Revista Paranista incorporou o quadro “Dança das raças” pela obviedade do conagraçamento festivo e, subjetivamente por evocar o sentimento coletivo de afeição entre os imigrantes e os brasileiros no Estado do Paraná (Figura 8):

[...] há uma miscigenação de etnias em uma harmonia intensa, onde bailam a flor eslava e o descendente do índio, o velho imigrante polonês toca rabeça, os alemães bebem cerveja, os ucranianos preparam churrasco, os colonos discutem as safras do milho e do mate, e o guri, filho de duas raças, ensaia no pistão seus primeiros sopros. (BARONE BUENO, 2009, p. 49).<sup>32</sup>

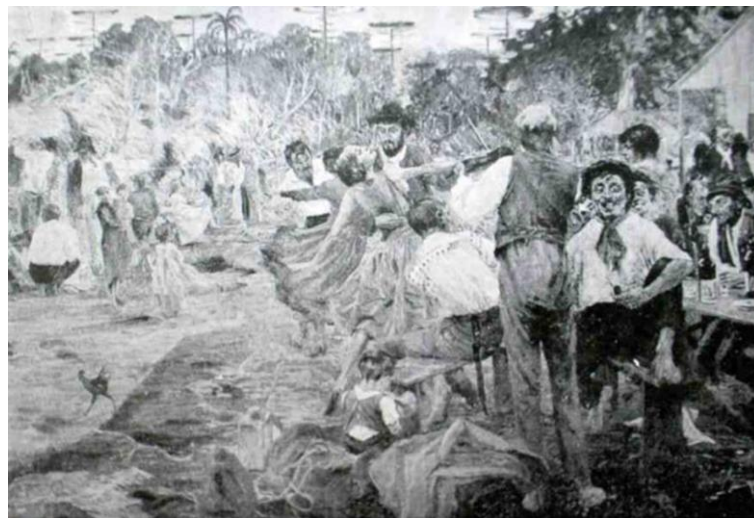


Figura 8. “O baile das raças” (1933), de H. Schiefelbein. Fonte: Barone Bueno.

Este não é o único referencial textual e imagético sobre o assunto. O quadro *Bodas das nações* (Dança das Raças) apresenta a alternativa de “[...] um casamento entre descendentes de duas etnias e as características culturais dos imigrantes ali representados tendo ao fundo os pinheirais como que representando a nova raça que estava a surgir no Brasil” (OLBERTZ, 2013, p. 140). Mesmo assim, tal direcionamento não se desvia completamente do tema, embora lhe dê amplitude. Para os imigrantes, nação e nacionalidade são ideais que oscilam entre a manutenção da identidade e o desejo de integração à pátria adotada. Olbertz

<sup>31</sup> Cf. KOBELINSKI, Michel. **Ufanismo e ressentimento**: de Minas Gerais aos sertões de São Paulo (séc. XVIII). São Paulo: Annablume, 2012; TRINDADE, Etelvina M. de Castro; ANDREAZZA, Maria Luiza. **Cultura e educação no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001; CARNEIRO LEÃO, Igor Zanoni C. **As desventuras do paranismo**. Curitiba: FAE, 1999, v.2, n.3, set./dez., p.9-20; PEREIRA, Luis Fernando. **Paranismo: o Paraná inventado**; cultura e imaginário no Paraná da I República. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.

<sup>32</sup> Ver também BARONE BUENO, Luciana Stevam. **Paranismo – um resgate histórico das artes visuais no Paraná**. In: **O professor PDE e os desafios da Escola Pública Paranaense**. Produção Didático-Pedagógica. Curitiba, Governo do Estado, 2009.

surpreende os leitores ao fazê-los notar, através de fotografias, toda riqueza de sentidos em cenas do cotidiano da família Schiefelbein. A fotografia do artista ao lado de seu quadro, rodeado de familiares e amigos, transporta a representação artística para a realidade da apreensão do mundo pelo fotógrafo – e, também, por nós mesmos (Figura 9).<sup>33</sup> Há, portanto, interatividade entre arte, técnica e sensibilidade receptora. Arte e técnica alemãs usadas por Schiefelbein e Arthur Wischral para apreender o Hinterland paranaense.



Figura 9. Casa de Ernst Stinsoff e quadro *Bodas das nações*, (1933). Foto de Arthur Wischral. Fonte: OLBERTZ, 2016.

A interatividade é limitada. A fotografia também pode ser vista como uma composição teatral. Além disso, desde fins do século XIX, ela provocava reação da linguagem pictórica. Este é o caso do fotógrafo, Arthur Wischral (1894-1982). Descendente de alemães, integrou-se às inovações trazidas pela modernidade. Iniciou como aprendiz do fotógrafo alemão Germano Fleury (1909), instalado em Curitiba. Depois, foi parar na Alemanha (1914 e 1918), com o objetivo de se aperfeiçoar e criar uma linguagem própria “[...] possivelmente instigado por suas experiências na Primeira Guerra Mundial e na Guerra do Contestado” (BUSNARDO, 2016, s. p.).<sup>34</sup> Ao contrário, Hermann Schiefelbein se manteve ligado à tradição de seus

<sup>33</sup> Cf. OLBERTZ, 2013, p. 140, “a direita do quadro em pé, Hermann Schiefelbein e sua esposa Margaret e no extremo em pé Ruth e Erns Stinshoff, filhos do casal Stinsoff. Sentado defronte ao quadro está um de seus filhos Rolf Schiefelbein”.

<sup>34</sup> BUSNARDO, Larissa. A linguagem fotográfica em Arthur Wischral: entre o trágico e o cômico na vida cotidiana de Curitiba (1913-1950). **XV Encontro Regional de História**. 100 anos da Guerra do Contestado: Revista Ensino & Pesquisa, v.14, Suplemento Especial 2016, p.52-77. ISSN 2359-4381 *online*

mestres.

O quadro *Carroças e Cavalos* - acervo da Pinacoteca do Colégio Estadual do Paraná – retrata a natureza de forma clara e fluida porque abrange todos os planos da imagem: terra, água da chuva, cão a espreita, cavalos em movimento, araucárias e céu nebuloso (Figura 10). Araújo (2006, s. p.) menciona que a pintura lembra os trabalhos do pintor romântico Joseph Mallord William Turner (1775-1851) e que, a água da chuva “reflete com maestria os primeiros cavaleiros que passam”. O tema da composição evoca a imigração eslava, exemplificada no modelo dos carroções em fila. Ela também serve para refletir a condição do artista no Brasil.<sup>35</sup>

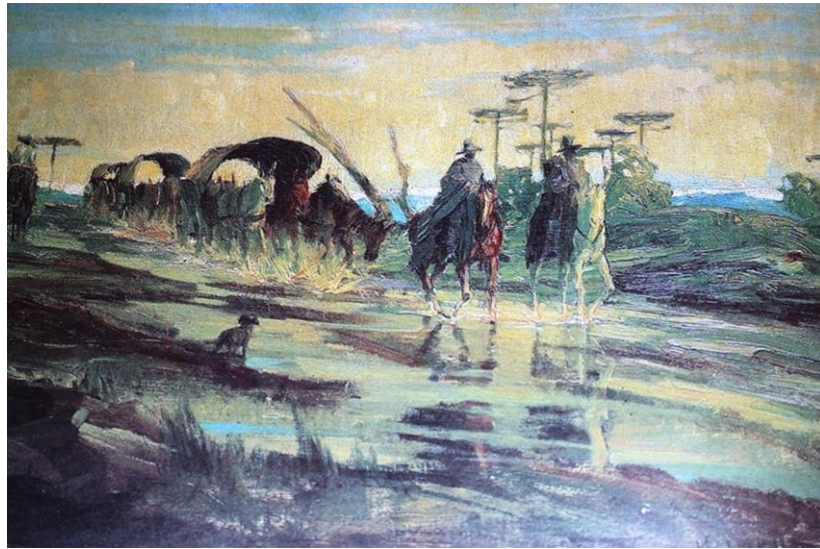


Figura 10. Carroças e Cavalos, s.d., óleo sobre, 52 X 76 cm. Hermann Schiefelbein. Fonte: Colégio Estadual do Paraná, 1933.

A inspiração aglutina pluralidades e faz todo o sentido. A região recebeu imigrantes ucranianos, poloneses e alemães, desde 1870. Nesta época, na administração de Lamenha Lins, instruíam-se a localização de colônias de imigrantes nas proximidades de áreas urbanas, a

---

historiografia, acervos e fontes. Curitiba: ANPUH/ UFPR, 26-29 jul. 2016. Disponível em [http://www.encontro2016.pr.anpuh.org/resources/anais/45/1468204848\\_ARQUIVO\\_BUSNARDO,Larissa.Anpuh2016.pdf](http://www.encontro2016.pr.anpuh.org/resources/anais/45/1468204848_ARQUIVO_BUSNARDO,Larissa.Anpuh2016.pdf) O fotógrafo documentou a urbanização de Curitiba e o cotidiano do homem do campo, da cidade e do litoral paranaense.

<sup>35</sup> Cf. BORUSZENKO, Oksana. A imigração ucraniana no Paraná. **Anais do Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História**. Colonização e Migração. ANPUH. Porto Alegre, set. 1967, p 430, os carroções eslavos eram cobertos e puxados por vários cavalos. Cf. PORTAL, Roger. **Os eslavos: povos e nações**. Lisboa: Cosmos, 1968, p. 81, et. seq., os poloneses, desde o século X, desenvolviam a agricultura e, por volta do século XIII, já existiam leis comunais, embora que durante a colonização alemã (1253-1257), as cidades polonesas tiveram grande desenvolvimento, tornando-se neste período, potências do Báltico.

fim de integrá-los aos mercados consumidores.<sup>36</sup> Araújo nos lembra da tese suscitada no Jornal *O Dezenove de Dezembro*, na qual a estética e a ideologia Paranista remodelava a indumentária paranaense. No quadro *Carroças e Cavalos*, os viajantes usam o poncho e a bombacha. Isto levaria a crer que se tratava de um traje típico suprimido pelo movimento, a ponto de, mais tarde, ser “exclusividade” dos gaúchos. É muito provável que a inspiração de Schiefelbein tenha relações memoriais com a população local. Desde meados do século XIX, tropeiros dos Campos de Palmas cruzavam o rio Iguaçu, por uma passagem rasa (vau), a fim de se dirigirem aos Campos Gerais e, finalmente à feira de Sorocaba (SP) para comercializarem animais.<sup>37</sup>

As telas *Paisagem paranaense*, *Paisagem sertaneja* e *Sapeco da Erva-mate*, por exemplo, retratam a cidade de União da Vitória e as colônias de imigrantes em seu entorno (Figuras 11, 12 e 13). A ideia da captura de atos heroicos e dramáticos da vida dos colonos no trabalho da terra é, em certo sentido, relevante.<sup>38</sup> Mas, em contrapartida, podemos pensar na insensibilidade do artista em relação à Guerra do Contestado. Por que ele não a retratou? Sem dúvida, o olhar de Schiefelbein foi influenciado pela situação vivida na Alemanha e por seus mestres. Ele estava mais propenso aos ideais românticos, à preponderância da natureza, à valorização da sensibilidade e ao interesse pelo passado. Em certo sentido, desinteressou-se pelas inovações trazidas pelo modernismo (Jugendstil). Na Alemanha, a modernidade, a industrialização e a I Guerra Mundial solaparam as promessas e as certezas de uma geração inteira. As artes não refletiram diretamente tais inovações, mas o direcionamento para a arte nacionalista ou romântica não foi mais o mesmo.<sup>39</sup>

Franz Karl Eduard von Gebhardt (1838-1925), um dos mentores de Schiefelbein, embora de origem estoniana, filho de um luterano, foi pintor e professor da Academia de Belas Artes de Düsseldorf. Seus estilos eram o realismo e o romantismo e, os gêneros, retrato, pintura religiosa e esboços.<sup>40</sup> Estas influências estão presentes em várias obras de Schiefelbein. Exemplos desta influência estão nos retratos *Guilhermina Schiefelbein* (s.d.) e *Ernst Stinshoff* (s.d.).

Note-se que, na pintura *A carta*, (s.d), ficam evidentes as ambiguidades sensíveis,

<sup>36</sup> BALHANA, Altiva Pilatti, MACHADO, Brasil Pinheiro, WESTPHALEN, Cecília Maria. **História do Paraná**. Curitiba: Grafipar, 1969, p.163.

<sup>37</sup> Ver TRINDADE, Jaelson Bitran. **Tropeiros**. São Paulo: Incepa, 1992.

<sup>38</sup> **PINTORES DA PAISAGEM PARANAENSE**, 2001, p. 33, op. cit.

<sup>39</sup> BORTULUCCE, Vanessa Beatriz. **A arte dos regimes totalitários do século XX**. Rússia e Alemanha. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008, p. 20.

<sup>40</sup> ROSEMBERG, Adolf. **E. von Gebhardt** (1838-1925). Leipzig: Velhagen & Kloning, 1899.

entre os sentimentos de nostalgia e felicidade. Nostalgia porque há a leitura de uma mensagem, que a princípio evoca o sofrimento de deixar parentes e amigos na terra natal. Felicidade porque as tradições permanecem impressas numa caixa de madeira com os dizeres *Hamburg - Rio de Janeiro*, evocando a transição para uma nova vida. Sobre esta mesma caixa a abundância de flores e frutos significa a fartura propiciada pela vocação agrícola e pela graça divina de poder trabalhar.

Nas pinturas religiosas *A volta do filho pródigo* (s.d) e *Ação de Graças ao entardecer* (s.d), ou mesmo *Alimentando os animais pela manhã*, também podemos vislumbrar os vínculos entre a religião e os aspectos práticos da vida.<sup>41</sup>

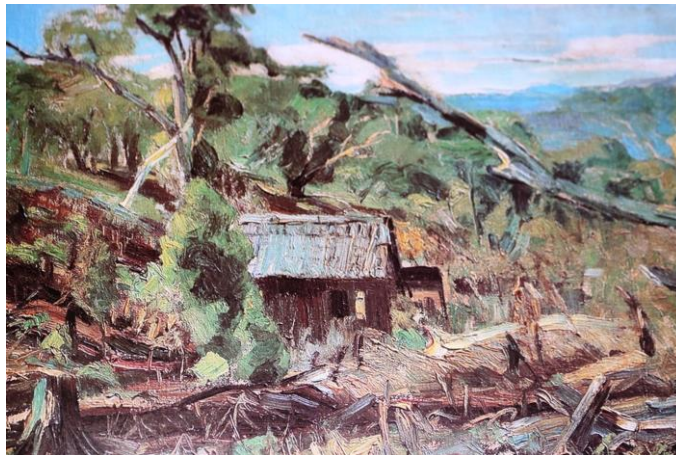


Figura 11. Paisagem Paranaense, s.d., óleo sobre, 37 X 49 cm. H. Schiefelbein. Fonte: Colégio Estadual do Paraná, 1933.



Figura 12. Paisagem sertaneja, s.d., óleo sobre, 74 X 113 cm. H. Schiefelbein. Fonte: Secretaria de Segurança Pública.

<sup>41</sup> WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.



Figura 13. Sapeco da Erva-mate, s.d., óleo sobre, 200 X 230 cm. H. Schiefelbein. Fonte: Clube Concórdia.

As obras de Schiefelbein se caracterizam pelo fascínio que a paisagem exerce nos seres humanos. Conforme salientou Araújo (2006, s. p.), o autor seguiu o estilo romântico. A pintura *Paisagem sertaneja* (s.d.) estimula a imaginação dos expectadores em demonstrar o sentimento de sublime na natureza, na qual dois cavaleiros se perdem na imensidão da floresta, tendo ao fundo o vale do rio Iguaçu. E, em *Sapeco da Erva-mate*, Schiefelbein parece integrar o observador às atividades corriqueiras dos sertanejos e, ao mesmo tempo, vinculando-os à inacessibilidade da paisagem em segundo plano, que tem como tema recorrente, o componente fluvial, indispensável ao estabelecimento do homem na natureza.

Em *Colono indo às compras na vila*, registro do semear a terra após a derrubada da floresta e da busca de insumos em União da Vitória e, em *Paisagem paranaense* (1933), caracterização da dificuldade de instalação das colônias nas áreas florestadas do Estado, remete-nos à evasão do artista. Diante de um mundo em decadência, nada melhor do que o refúgio e o recomeço da vida em lugar distante e isolado. Ao invés de retratar os conflitos e a degeneração do homem, preferiu outro estágio da história. Um lugar perdido no tempo, que permite a integração social, a um mundo menos problemático, à formação das cidades. Lugar onde o sonho poderia se tornar realidade. A crítica social está justamente em sua estética da interioridade e das emoções. Em demonstrar a perda da razão entre os homens e a possibilidade de viver em harmonia na natureza.

## Conclusão

As apreensões de Estanislau Scahette e Hermann Schiefelbein são exemplos notáveis da representação e da sensibilidade alemã na cultura, na história, na arte e na religiosidade de imigrantes que procuravam se adaptar à sociedade brasileira. Com elas, aprendemos a identificar posicionamentos pessoais, coletivos e institucionais, bem como suas tensões. Tais comportamentos, expressos nas formas de colocar-se no lugar dos outros, de auxiliá-los, de contestá-los, ou mesmo de se evadir da realidade, são indubitavelmente elementos subjetivos. Contudo, eles podem nos levar a compreender um pouco mais a densidade das relações humanas. A busca da identidade, a ideia de pertencimento, a vinculação dos sujeitos à história, a expressão de valores e sentimentos, quer por textos, imagens ou representação pictórica de realidades apreendidas, são sem dúvida, chaves interpretativas importantes para identificarmos a pluralidade da formação de nossa sociedade.

## Fontes impressas e iconográficas

### **ÁLBUM PHOTOGRAPHICO E DESCRIPTIVO DA COLÔNIA SANTA BÁRBARA.**

União da Vitória: Hauer, Beltrão & Cia., 1926.

**JORNAL OPÇÃO.** Biblioteca Nacional Digital, Rio de Janeiro.

**CORREIO DA MANHÃ.** Biblioteca Nacional Digital, Rio de Janeiro.

**ANUÁRIO DO MUSEU IMPERIAL.** Biblioteca Nacional Digital, Rio de Janeiro.

SCHAETTE, Estanislau. Der neue Kolonie Sta. Barbara. **Der Kompass.** Curitiba, vol. I, p.1, 14 jan. 1927.

\_\_\_\_\_. Der neue Kolonie Sta Barbara. **Der Kompass.** Curitiba, vol. II, p.1, 14 jan. 1927.

ESPEY, Cletus. **Festschrift zum Silberjubiläum im Süden Brasiliens 1901-1926**, Werl i. West.: Franziskus, 1929.

FERRER, Gilberto. **Um passeio a Petrópolis em companhia do fotógrafo Marc Ferrez.** Petrópolis: Ministério da Educação e Saúde, 1948.

RATZEL, Friedrich. O solo, a sociedade e o estado. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo: Usp, v. 2, 1983, p. 93-101.

SCHAETTE, Estanislau. Fazendeiros e fazendas de Serra Acima. **Anuário do Museu Imperial.** Petrópolis: Ministério da Educação e Saúde, 1948.

**CÓRREGO SECO.** Franz Xaver Nachtmann; Karl Philip von Martius. Biblioteca Nacional Digital, Rio de Janeiro.

**FAZENDA CÓRREGO SECO.** Museu Imperial, Rio de Janeiro.

**VISTA DA FAZENDA CORREIAS.** Friedrich Hagedorn. Museu Imperial, Petrópolis.

**O BAILE DAS RAÇAS.** Hermann Schiefelbein.

**CASA DE ERNST STINSOFF E QUADRO BODAS DAS NAÇÕES.** Arthur Wischral. Ivanira Tereza Dias Olbert, União da Vitória.



**CARROÇAS E CAVALOS.** Hermann Schiefelbein. Pinacoteca do Colégio Estadual do Paraná, Curitiba.

**PAISAGEM PARANAENSE.** Hermann Schiefelbein. Pinacoteca do Colégio Estadual do Paraná, Curitiba.

**PAISAGEM SERTANEJA.** Hermann Schiefelbein. Secretaria de Segurança Pública, Curitiba.

**SAPECO DA ERVA-MATE.** Hermann Schiefelbein. Clube Concórdia, União da Vitória.

## Referências

ARAÚJO, Adalice. **Dicionário das Artes Plásticas no Paraná.** Curitiba: Editora do Autor, 2006.

BALHANA, Altiva Pilatti, MACHADO, Brasil Pinheiro, WESTPHALEN, Cecília Maria. **História do Paraná.** Curitiba: Grafipar, 1969.

BARONE BUENO, Luciana Estevam. **O Paranismo e as Artes Visuais.** Dissertação de Mestrado em Artes Visuais. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

\_\_\_\_\_. Paranismo – um resgate histórico das artes visuais no Paraná. In: **O professor PDE e os desafios da Escola Pública Paranaense.** Produção Didático-Pedagógica. Curitiba, Governo do Estado, 2009.

BISPO, Antonio Alexandre (Ed.). Petrópolis (RJ). Franciscanos alemães na cidade de Pedro II sob a República. O chic da missa das onze. Mons. Giovanni Battista Guidi (1852-1902) e Pe. Michael Horn OSB (1859-1936)”. **Revista Brasil-Europa: Correspondência Euro-Brasileira** 151/ (2014:5).

\_\_\_\_\_. União da Vitória (PR)/Porto União (SC). Ultrapassando fronteiras em diferentes acepções: o vau do Iguazú. Católicos poloneses e ucranianos sob assistência de Franciscanos alemães e a exemplaridade de Santa Rosa de Lima (1586-1617). **Revista Brasil-Europa: Correspondência Euro-Brasileira** 151/9 (2014:5).

BORUSZENKO, Oksana. A imigração ucraniana no Paraná. **Anais do Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História.** Colonização e Migração. ANPUH. Porto Alegre, set. 1967.

BRAGA, Theodoro. **Artistas e pintores no Brasil.** São Paulo: São Paulo Editora Ltda, 1942, p. 213.

BUSNARDO, Larissa. A linguagem fotográfica em Arthur Wischral: entre o trágico e o cômico na vida cotidiana de Curitiba (1913-1950). **XV Encontro Regional de História.** 100 anos da Guerra do Contestado: historiografia, acervos e fontes. Curitiba: ANPUH/ UFPR, 26-29 jul. 2016.

CARNEIRO LEÃO, Igor Zanoni C. **As desventuras do paranismo.** Curitiba: FAE, 1999, v.2, n.3, set./dez., p.9-20.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O anti-semitismo na era Vargas: fantasmas de uma geração 1930-1945.** São Paulo, Brasiliense, 1988.

CORBIN, Alain, DÉLOYE, Yves, HAEGEL, Florence. De l'histoire des représentations à l'histoire sans nom. Entretien avec Alain Corbin. In: **Politix**, vol. 6, n°21, Premier trimestre 1993. pp. 7-14.

LENZI, Maria Isabel. “**Para aprendermos história sem nos fatigar**”: a tradução do antiquariado e a historiografia de Gilberto Ferrez. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2013.

GRUZINSKI, Serge. **La pensée métisse.** Paris: Fayard, 1999.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

- IHLENFELD, Renate. **A presença da cultura alemã sobre o pensamento pedagógico do colégio Teuto-Brasileiro de Porto União/SC e sua influência sobre o imaginário dos alunos (1930-1938)**. (Monografia de Pós-Graduação em Metodologia da Ação Docente). União da Vitória: Centro Universitário de União da Vitória – UNIUV, 2011.
- KOBELINSKI, M. KRUL, Giovana G. da Maia. A percepção da natureza na colônia Santa Bárbara PR (1927). In: KOBELINSKI, M., LENCHISCKI, L. **Reflexões sobre História** (Orgs.). Teresópolis: Tereart, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Ufanismo e ressentimento: de Minas Gerais aos sertões de São Paulo (séc. XVIII)**. São Paulo: Annablume, 2012.
- KOSOY, Boris. **Hercule Florence: a descoberta isolada da fotografia no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2007.
- MARTINA, Giacomo. **História da igreja: de Lutero a nossos dias. A era contemporânea**. São Paulo: Loyola, 1997.
- MARTÍNEZ, Carla Fernández. Iconografía urbana, memoria e identidad de las ciudades portuarias del Norte y Noroeste de España. **Anales de Historia del Arte**, 2014, Vol. 24, N° Esp. Diciembre, 161-173.
- OLBERTZ, Ivanira Tereza Dias. **Entrevistando a Arte**. Curitiba: Serzgraf, 2013.
- PANORAMA DA ARTE NO PARANÁ: I - Dos precursores à Escola Andersen**. Curitiba: BADEP, 1975.
- PEREIRA, Luis Fernando. **Paranismo: o Paraná inventado; cultura e imaginário no Paraná da I República**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.
- PINTORES DA PAISAGEM PARANAENSE**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura; Solar do Rosário, 2001.
- POIRRIER, Philippe. L'histoire culturelle en France. **Une histoire sociale des représentations**. L'Histoire culturelle: un tournant mondial dans l'historiographie? EUD, 2008, pp.27-39:, p.33.
- PORTAL, Roger. **Os eslavos: povos e nações**. Lisboa: Cosmos, 1968.
- REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- REZNIK, Luís, FERNANDES, Rui Aniceto. Luiz Palmier e a conformação da São Gonçalo Moderna. In: REZNIK, Luís (Org.). **O intelectual e a cidade: Luiz Palmier e a São Gonçalo Moderna**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003, p. 13-31.
- SANTOS, Eucléia Gonçalves. **"Em cima da mula, debaixo de Deus, na frente do inferno": os missionários franciscanos no Sudoeste do Paraná (1903-1936)** Dissertação de Mestrado em História, 158 p. Curitiba: UFPR, 2005.
- STICKEL, Erico J. Siriuba. **Uma pequena biblioteca particular: subsídios para o estudo da iconografia no Brasil**. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.
- TRINDADE, Etelvina M. de Castro; ANDREAZZA, Maria Luiza. **Cultura e educação no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001.
- TRINDADE, Jaelson Bitran. **Tropeiros**. São Paulo: Incepa, 1992.
- VESENTINI, William. Controvérsias geográficas: epistemologia e política. **Confins**, 2, 17 fev, 2008.
- WALKER, Charles F. **Shaky Colonialism: The 1746 Earthquake-Tsunami in Lima Peru and its Long Aftermath**. Duke University Press, 2008.